

inclinou-se para a frente e disparou dois tiros, matando o arquiduque e sua mulher. O carro deslocava-se em baixa velocidade, porque haviam entrado numa rua errada e agora voltavam para corrigir o itinerário.

Saravejo e Pokrovskoe situam-se, naturalmente, em posições diferentes em termos de longitude, de modo que a hora não é a mesma nos dois lugares. Há 50 graus de longitude entre Saravejo e Pokrovskoe. É uma simples soma, porque a Terra percorre 360 graus quando perfaz uma volta completa em 24 horas. Ou seja: 180 graus em 12 horas, 90 graus em 6 horas, 45 graus em 3 horas. Assim, para girar 50 graus são necessárias exatamente três horas e vinte minutos. O Arquiduque Ferdinando foi assassinado pouco antes das onze horas. Rasputin foi apunhalado às 21:5h, e 10:55h em Saravejo significa exatamente 2:15h em Pokrovskoe. O homem cuja morte provocou a Primeira Guerra Mundial e o homem que poderia ter evitado a guerra foram atacados no mesmo instante. É a coincidência mais extraordinária de que já tive notícia.

Rasputin finalmente foi assassinado na noite de 29 de dezembro de 1916. Teve fortes pressentimentos da morte, e escreveu uma carta curiosa, mostrada à zarina logo após tê-la escrito, dizendo que sentia que ia morrer até 1º de janeiro de 1917. E mais: que se fosse morto pelo campesinato russo, o país manteria sua próspera monarquia durante centenas de anos; se, no entanto, fosse assassinado pela aristocracia, as mãos dos aristocratas ficariam manchadas de seu sangue durante 25 anos e não sobraria nobre algum na Rússia; o czar e sua família morreriam num prazo de dois anos.

Parece fantasia, mas Sir Bernard Pares viu um fac-símile da carta e sentiu-se inclinado a reconhecer sua autenticidade, sendo ele um dos mais céticos e equilibrados historiadores do período. Vinte e cinco anos, naturalmente, abrangem a invasão da Rússia pela Alemanha (junho de 1941), o que certamente pode ser considerado um momento decisivo da história da Rússia, se não mesmo a data em que todos os nobres finalmente desapareceram do país.

Rasputin foi convidado a ir à casa do rico Príncipe Yussupov, à noite, onde lhe deram bolo e vinho envenenados. O cianureto, que deveria tê-lo deixado inconsciente após um minuto e morto após quatro minutos (basicamente, o efeito é de asfixia, impedindo que o sangue transporte o oxigênio), parecia não surtir efeito. Yussupov deu-lhe ainda um tiro. Mas quando voltou com os outros conspiradores para apanhar o corpo, Rasputin levantou-se, arrebatou uma porta que estava trancada e fugiu para o pátio. Desferiram mais um tiro, e ainda o golpearam repetidamente com uma barra de ferro. Finalmente, atiraram-no no rio por um buraco cavado no gelo que cobria a superfície. O escritor Nigel Morland, que se dedica à criminologia, foi informado por um conhecido de Rasputin que este sofria de gastrite alcoólica, que torna mais espesso o tecido do estômago e que poderia impedir a rápida absorção do cianureto. Explicação mais provável é que Yussupov mentiu ao dizer que envenenara Rasputin. Não se encontrou veneno no corpo. Yussupov passou o resto da vida com a fama de ser "o homem que matou Rasputin", e estava sempre pronto para recorrer à justiça quando alguém descrevesse o incidente

de modo a apresentá-lo sob ótica desfavorável. Pouco antes de morrer, chegou mesmo a dizer em juízo que Rasputin havia sido espião da Alemanha — história que ele devia reconhecer como absurda, posto que fora desacreditada por meia dúzia de biógrafos desde que Rasputin morrera. Yussupov, como Illiodor, era homossexual, e seu rancor por Rasputin pode ter tido alguma estranha base sexual.

A profecia de Rasputin, como a de Cagliostro, foi extraordinariamente precisa — a revolução eclodiu no ano seguinte. O czar e sua família foram feitos prisioneiros, como Luis XVI e Maria Antonieta, por um ano, e executados em 16 de julho de 1918 nos subterrâneos de Ekaterinburg. Os paralelos com a família real da França não acabam aí, pois em seguida aparece um membro da família — a grã-duquesa Anastácia — que consegue fugir. Em 1922, uma jovem que tentara o suicídio em Berlim foi "reconhecida" como sendo Anastácia por outra mulher na enfermaria, admitindo sua identidade. Diversos exilados da corte russa identificaram Anna Anderson como Anastácia, mas ela jamais conseguiu reconhecimento legal para suas alegações — o czar havia depositado grandes somas em dinheiro em bancos estrangeiros, e tudo ficaria para Anna Anderson —, e um tribunal alemão só recentemente negou definitivamente o reconhecimento. Maria Rasputin conheceu-a nos Estados Unidos no final da década de 1960, e afirma-se que identificou Anna Anderson como sendo a Grã-duquesa Anastácia (que conhecera bem quando criança).

Houve também pelo menos dois falsos Alexeys — o filho do czar —, mas nenhum deles mereceu o crédito que teve Anastácia.

Da mesma maneira que Crowley, Rasputin era mago por natureza. Nada fazia para desenvolver seus poderes, e até se duvida que tivesse algum controle sobre eles. E, em linhas gerais, isso se aplica a todo "mago" mencionado neste livro. É por não se aplicar também a George Ivanovitch Gurdjieff que ele talvez seja o mais interessante de todos os magos. Ele possuía realmente alguns poderes, e passou a vida inteira a desenvolvê-los com cuidado. É inegável que atingiu elevado grau de Faculdade X.

A chave da doutrina de Gurdjieff está na palavra "trabalho". Há uma história bem característica que pode esclarecer o assunto. A. R. Orage, conhecida figura literária na Londres de antes de 1914, e editor de *The New Age*, resolveu vender o jornal e tornar-se discípulo de Gurdjieff. Dirigiu-se, pois, ao Instituto para o Desenvolvimento Harmonioso do Homem, de Gurdjieff, em Fontainebleau. Gurdjieff entregou-lhe uma pá e mandou-o cavar no jardim. Orage estava sem treino, e logo sentiu-se tão cansado que a todo instante ia para o quarto e tentava conter lágrimas de fadiga e desconsolo. Parecia-lhe que cometera um engano terrível. Decidiu então empreender um esforço ainda maior e de repente descobriu que apreciava intensamente o ato de cavar.